

EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NA DISCIPLINA FUNDAMENTOS SÓCIO- HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO/CE/UFPB EM 2021: UM OLHAR SOBRE O LIVRO EDUCAÇÃO E MUDANÇA DE PAULO FREIRE

DEGREE EXPERIENCES AT FUNDAMENTOS SÓCIO-HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO/CE/UFPB
SUBJECT IN 2021: A VIEW ABOUT PAULO FREIRE'S EDUCAÇÃO E MUDANÇA BOOK

EXPERIENCIAS FORMATIVAS EN LA DISCIPLINA FUNDAMENTOS SÓCIO-HISTÓRICOS DA
EDUCAÇÃO/CE/UFPB EM 2021: UNA MIRADA SOBRE EL LIBRO EDUCAÇÃO E MUDANÇA DE
PAULO FREIRE

Felipe Cavalcanti Ivo¹
Kilma Cristeane Ferreira Guedes²
Maria Elizete Guimarães Carvalho³

Manuscrito recebido em: 14 de setembro de 2021.

Aprovado em: 18 de janeiro de 2022.

Publicado em: 18 de fevereiro de 2022.

Resumo

O presente artigo tem o propósito de refletir sobre as experiências formativas vivenciadas em torno das discussões do livro *Educação e Mudança* de Paulo Freire, nas aulas remotas da disciplina Fundamentos Sócio-Históricos da Educação (FSHE), do Centro de Educação (CE), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no período acadêmico 2020.2, realizado no ano de 2021. Trata-se de um relato de experiências autobiográficas (autonarrativas), com método qualitativo, vinculado ao campo da História, mais precisamente, da Nova História, que lança olhares sobre a formação dos graduandos de três licenciaturas (Música, Educação Física e Química) e sobre o próprio autor, como estagiário docente vinculado ao Mestrado em Educação do PPGE/UFPB. Diante disso, utiliza, como norteadores teóricos, a concepção da História do Tempo Presente e os estudos da Memória, discutindo com autores, como: Freire (2011), Lohn (2019), Gagnebin (2006) e Marques e Satriano (2017). Face ao exposto, a metodologia de pesquisa emprega a autobiografia para sistematizar os diferentes sentidos dessa narrativa histórica, situada em meio às duras dificuldades do ensino superior brasileiro no decorrer da pandemia do Covid-19, na contemporaneidade. Apesar dos grandes desafios no presente, entende-se que as experiências formativas vinculadas à obra

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Integrante do Grupo de Estudos Memória, História e Educação.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9895-3878> Contato: felipejohnny@gmail.com

² Mestra em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Integrante do Grupo de Estudos Memória, História e Educação.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0888-2867> Contato: kilmacristeane@uol.com.br

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com Pós-doutorado em Política Educativa pela Universidade do Minho/Portugal. Professora no Programas de Pós-Graduação em Educação e no Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas da Universidade Federal da Paraíba. Membro dos Grupos de Estudos História da Educação Brasileira e do Grupo de Estudos Memória, História e Educação.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8331-837X> Contato: mecarvalho23@yahoo.com.br

freireana contribuíram para a formação docente, percebendo-se algumas mudanças nos discursos e atitudes dos graduandos a favor da construção de uma consciência autêntica e cidadã.

Palavras-chave: Experiências Formativas; História do Tempo Presente; Memória; Autobiografia.

Abstract

The present article has the purpose of reflecting about the degree experiences lived about the discussions of Paulo Freire's *Educação e Mudança* book, in the remote classes at *Fundamentos Sócio-Históricos da Educação (FSHE)* subject of *Centro de Educação (CE)*, at *Universidade Federal da Paraíba (UFPB)*, in the 2020.2^o academical period, performed at 2021^o year. This is a self-biographical (self-narratives) experiences report, with qualitative method, linked to History area, more exactly, New History area, that projects views about the students degree of three licensure curses (Music, Physical Education and Chemistry) and about this author, as teaching trainee linked to *Mestrado em Educação do PPGE/UFPB*. In this manner, it uses, as theoretical, north Present Time History conception and Memory studies, discussing with authors as: Freire (2011), Lohn (2019), Gagnebin (2006) e Marques e Satriano (2017). In this way, the research methodology approaches the self-biography to systematize the different meanings of this historical narrative placed among the hard difficulties of Brazilian's superior teaching during COVID-19^o pandemic, in the contemporary. Although the big challenges in present, is understood that the degree experiences linked to Freire's work have contributed to the teaching degree, realizing some changes in the students speeches and attitudes in favor to the build of a citizen and authentic conscience.

Keywords: Degree Experiences; Present Time History; Memory; Self-biography.

Resumen

El presente artículo tiene el propósito de reflexionar sobre las experiencias formativas vividas en torno de las discusiones del libro *Educação e Mudança* de Paulo Freire, em las clases remotas de la disciplina *Fundamentos Sócio-Históricos da Educação (FSHE)*, del *Centro de Educação (CE)*, de la *Universidade Federal da Paraíba (UFPB)*, en el período académico 2020.2, pasado en el año 2021. Trata-se de un relato de experiencias autobiográficas (autonarrativas), con método cualitativo, vinculado al campo de la Historia, más precisamente de la Nueva Historia, que lanza miradas sobre la formación de los graduandos de tres licenciaturas (Música, Educación Física y Química) e sobre el propio autor, como aprendiz docente vinculado al *Mestrado em Educação* del *PPGE/UFPB*. Delante de eso, utiliza, como nortes teóricos, la concepción de la Historia del Tiempo Presente y los estudios de la Memoria, discutiendo con autores, como: Freire (2011), Lohn (2019), Gagnebin (2006) e Marques e Satriano (2017). En ese sentido, la metodología de pesquisa emplea la autobiografía para sistematizar los diferentes sentidos de esa narrativa histórica, situada entre las duras dificultades del ensino superior brasileño en el curso de la pandemia del COVID-19, en la contemporaneidad. A pesar de los grandes desafíos en el presente, se entiende que las experiencias formativas vinculadas a la obra de Freire contribuyeron para la formación docente, se percibiendo algunas mudanzas en los discursos y actitudes de los graduandos a favor de la construcción de una conciencia auténtica ya ciudadana.

Palabras clave: Experiencias formativas; Historia del Tiempo Presente; Memoria; Autobiografía.

Introdução

O presente artigo tem como finalidade refletir sobre as experiências formativas vivenciadas em torno das discussões do livro *Educação e Mudança* de Paulo Freire (2011), nas aulas da disciplina Fundamentos Sócio-Históricos da Educação (FSHE), do Centro de Educação (CE), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no período acadêmico 2020.2, realizado no ano de 2021. Nesse sentido, partimos da dimensão que os conteúdos abordados tornam-se relevantes para a formação, tanto dos graduandos das licenciaturas de Música, Educação Física e Química, quanto para nossa formação em Estágio de Docência (ED) no Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFPB (conforme a Resolução nº 01/2020).

A escolha do livro *Educação e Mudança* de Paulo Freire (2011) como foco da discussão deu-se a partir das marcas e significações formativas vivenciadas nas aulas remotas em meio à pandemia do Coronavírus disease 2019 (COVID-19). Por certo, na disciplina FSHE, dialogamos com alguns autores renomados das Ciências Sociais e Humanas, a exemplo de Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx e seria inevitável um olhar para Paulo Freire. Reiteramos que estudamos outras obras do autor, porém, o livro supracitado foi, no ED, nosso primeiro contato. Sobre essa obra realizamos as seguintes atividades: leituras prévias e elaboração de sínteses, fichamentos e resumos utilizados, tanto para a confecção de slides (recurso didático), quanto para contribuir com as discussões nas aulas.

De início, um questionamento nos acompanha: para que expor as experiências formativas do ensino superior vivenciadas na UFPB no tempo pandêmico imediato? Prontamente, encontramos uma resposta teórica, que anunciamos:

[...] a formação humana se dá nessa multiplicidade de momentos, experiências e aprendizados temporais essenciais à vida. As relações de produção humana são entrecortadas com nossas angústias, com nossos desejos, com nossas expectativas racionais, com nossas inclinações. (VIELLA, 2003, p.158).

Logo, pensamos que a formação humana na contemporaneidade ganha bastante relevância em pesquisas em educação, em especial por se tratar de um assunto complexo, devido a acoplar inúmeros momentos, experiências e sentimentos dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Essa formação recebe mais importância, principalmente quando se trata de professores, pelo seu lugar social ocupado na educação da população em geral e também na produção e manuseio do conhecimento em suas rotinas profissionais. Silva (2006) aponta sobre a multiplicidade dos tempos vividos no início do século XXI, marcada pela globalização, pelos avanços tecnológicos e pelas transformações sociais. Como consequência, desafia e seduz as investigações historiográficas do tempo presente em relação às variedades de fontes e temas históricos que podem ser selecionados.

Nesse sentido, para alcançarmos as pretensões desejadas, operamos com fundamentos norteadores de nossa análise sobre as experiências formativas vivenciadas na disciplina FSHE em momento recente: a História do Tempo Presente (HTP) e a Memória; utilizando como método de pesquisa a autobiografia (ou autonarrativa).

Ademais, Marques e Satriano (2017, p. 372) apontam que a metodologia de investigar o próprio pesquisador/autor mostra sua aptidão “de narrar o mundo e a si mesmo *abrindo* oportunidade ímpar para seu desenvolvimento, já que permite trabalhar no campo das ideias com fatos reais ou ficções e navegar pelo espaço e tempo”. Em outras palavras, abrem-se oportunidades para a produção desse tipo de trabalho em História, possuindo vastas e ricas subjetividades humanas que, talvez por outros procedimentos e modelos, não apresentassem a mesma fertilidade de detalhes sobre os acontecimentos.

Destacamos que nossa proposta é embasada na Nova História (BURKE, 1992), ou seja, uma história que possibilita o “eu, fonte” de um jovem pesquisador. Diante disso, somos desafiados para (re)visitar e narrar o vivido, percebendo suas contribuições para nós, como professores em formação, sejamos das licenciaturas ou da pós-graduação. Além disso, destacamos que o presente texto é resultado de algumas importantes reflexões, adaptações e aprofundamentos sobre o nosso relatório final de Estágio de Docência (UFPB, 2021a), aprovado pela Comissão de Estágio de Docência/PPGE/CE/UFPB.

Sociedade Contemporânea, cenário pandêmico e formação de professores no ensino superior: breves considerações e possibilidades historiográficas

O início do século XXI vem sendo marcado pela “aceleração do tempo” em uma época caracterizada pela complexidade e pelas instabilidades sociais. Podemos compreender que esse panorama desequilibrado é resultado das “novas” práticas sociais acolhidas no tempo imediato, como: as inúmeras notícias produzidas pelas mídias, os conflitos e diferentes interesses econômicos das divergentes classes e grupos sociais, a extensa flutuação do mercado financeiro, a destruição do meio ambiente e os novos estilos de vida assumidos por distintos sujeitos.

Entretanto, por mais enigmática que possa ser considerada a sociedade vigente, jamais pensaríamos que, no momento atual, enfrentaríamos um dos instantes mais truculentos em nossa história mundial: o cenário pandêmico da COVID-19. Nessa perspectiva, as relações sociais se tornam ainda mais intrincadas e novos hábitos e formas de comunicação são exigidos ou redescobertos para sobrevivermos às condições impostas a partir dessa recente realidade.

Nesse complexo cenário, sujeitos, identidades, profissões e territórios se encontram precarizados, pois, a atual pandemia demarca com nitidez e agrava desigualdades sociais que antecedem. Use máscaras, lave as mãos, não saia de casa! Essas recomendações são intensamente disseminadas pelas mídias e organizações sanitárias em todo o mundo. Porém, o que pode parecer um fator básico e simples de prevenção à Covid-19, para dados grupos sociais e territórios, é um artefato longínquo (LEITE; TORRES; CUNHA, 2020, p.12).

Como vimos, os autores reiteram que esse período de pandemia foi capaz de evidenciar com mais realce as desigualdades sociais brasileiras, nas quais em diversas ocasiões permaneciam “mascaradas” e podíamos conviver (eram aceitáveis) com elas. Porém, a doença nos exigiu/exige alguns importantes/rigorosos comportamentos sociais, que em muitos casos são entendidos de formas desiguais por diferentes grupos.

Percebemos que inúmeros sujeitos gostariam de seguir os protocolos de segurança, em contrapartida, o sistema capitalista, que coloca o lucro acima do direito à vida e ao trabalho justo e digno, sugere/impõe seu descumprimento em prol dos direitos essenciais para manutenção da própria existência e dos familiares, com o mínimo de renda,

alimentação, saúde, habitação e educação. Dessa forma, em nosso entendimento, a população poderia realizar todas as medidas sanitárias, caso não tivesse como preocupação maior a sobrevivência.

Adentrando no cenário educacional, percebemos nesses momentos delicados o quanto é importante a educação e a formação dos sujeitos, como pressuposto para a responsabilidade coletiva. Pensamos assim, graças a duas convicções como professor/pesquisador: a primeira, no sentido de elas poderem contribuir para a conscientização e esclarecimentos no combate à propagação da Covid-19, assumindo-se uma sensatez comunitária e, como consequência, evitar a contaminação e o aumento de casos e mortes; a segunda é que a educação e a formação são capazes de estimular o nosso “ser criativo” para pensar e propor novas formas de comunicação, trabalhos e negócios em tempos difíceis. Os seres humanos têm potencialidades para se adaptar a qualquer situação complexa e a criatividade pode favorecer soluções em momentos estressantes e de incertezas financeiras como esse.

Aprofundando nossa primeira concepção em tempo de Covid-19, enfatizamos a necessidade de pensar a educação como responsabilidade social.

A educação, portanto, deve ser um processo democrático e popular de aprendizagem, onde haja incentivo e estímulo, e que promova e estabeleça relações, buscando sempre a vivência e a garantia dos direitos, da cidadania e da igualdade. Essa é a verdadeira responsabilidade social da educação, (trans) formar vidas e permitir a inclusão e igualdade de oportunidade a todos (AMPARO; MIRANDA; SANTANA, 2019, p.57).

Ou seja, as autoras enfatizam a importância de pensar a capacidade do processo democrático da educação, na inclusão e oportunidades para todos os indivíduos no processo de ensino e aprendizagem, nos meios (in)formais pedagógicos. Diante disso, nos questionamos: como pensar a educação como responsabilidade social e para a cidadania em meio a uma crise sanitária? A resposta não é fácil, entretanto, enxergamos como possibilidade a efetivação de garantias de assistência do Estado e de diversos setores da sociedade civil aos mais vulneráveis, em resumo, uma maior sensibilidade coletiva para atendimento, de forma solidária, aos mais isolados em meio ao cenário da COVID-19.

A própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (BRASIL, 1996) define que o processo formativo dos indivíduos ocorre através de diferentes instâncias, nas variadas relações sociais com as instituições (entre elas, a de ensino e pesquisa), na companhia da família, nos movimentos sociais, nas organizações civis e culturais. Ou seja, a formação é percebida como algo integral, constituída por vários momentos e mobilizações sociais. Assim, nesse contexto pandêmico, a educação ganha ainda mais importância ao capacitar os sujeitos para o enfrentamento de crises.

Adentrando em nossa segunda convicção, a do “ser criativo” para pensar e propor novas formas de comunicação, trabalhos e negócios em tempos de incertezas, Carabetta Júnior (2010, p. 61) aponta que o papel do professor é “orientar os alunos a lidar com as inovações; a saber, analisar situações complexas, diferentes e inesperadas; a desenvolver suas potencialidades criativas e a utilizar diferentes esquemas cognitivos na resolução de problemas”. Logo, a educação, se direcionada por correntes críticas, poderá colaborar com os sujeitos na criatividade, visto que começarão a questionar a realidade social, possuindo autonomia para buscar rumos inovadores para o seu sucesso pessoal, familiar e profissional em situações discrepantes.

Em tempos tão peculiares, entendemos que é necessário o “ser criativo” na intenção dos indivíduos dominarem e manusearem as “novas” ferramentas tecnológicas a que somos forçados a utilizar, no propósito de prosseguirmos com as nossas atividades rotineiras como em outrora. Nesse panorama pandêmico, nos são exigidas diferentes competências em circunstâncias restritivas, que já eram importantes, porém agora são imprescindíveis para sobreviver.

Percebemos que capacidades relacionadas à proatividade e à criticidade são norteadoras para saber encontrar e selecionar, em meio aos diversos materiais na internet, a informação proveitosa; a exemplo de manuais ou vídeos instrutivos para manipular diferentes versões de tecnologias e aplicativos. Nessa situação, separar e utilizar o que é útil acaba tornando-se fundamental para sobreviver às condições impostas.

Nesse cenário desafiador, se encontra o ensino superior, em especial, o público. Mancebo (2020) assinala que é impossível analisar esse nível educacional mergulhado na crise sanitária sem compreender um contexto maior. Reiteramos que desde o século XX,

os países (incluindo o Brasil) estão imersos nos fundamentos neoliberais e que a maioria das pessoas (principalmente os mais pobres) não estava preparada para enfrentar esse momento de pandemia e, muito menos, para assumir a luta contra a propagação da doença. Para essa corrente conservadora, os gastos públicos devem ser comedidos, principalmente na área da educação, em especial, o ensino superior, resultando, a partir do pensamento propagado, ideias e posições contraditórias sobre a importância desse nível educacional para a formação das pessoas.

Nesse sentido, as ideias neoliberais vêm sucateando e fragilizando as universidades públicas, colocando “em cheque” seu valor e relevância, sua produção de conhecimentos, valorizando outros tipos de formação, mais limitados, desconsiderando a formação integral, preocupando-se em atender, de forma imediata, o mercado de trabalho. Como consequência, temos a firmação e propagação desses interesses no cenário pandêmico, principalmente no trabalho *home office*, caracterizado pelo baixo custo e pela função individual.

Em vista disso, profissionais que poderiam se empenhar na luta contra essa força regressista no ambiente acadêmico, por meio de organizações, mobilizações coletivas e educação libertadora, são subdivididos com essa recente e forçada modalidade de expediente.

Mancebo (2020, p.9) indica que “especificamente o trabalho docente, que engloba o ensino, a pesquisa e a extensão, além de um crescente número de atividades administrativas, foi levado por inteiro para as casas dos professores, com a chegada da pandemia”. A contar pela citação da autora, nos indagamos: como aluno da pós-graduação da UFPB, de que modo temos visto essa realidade na prática da universidade?

Pensando a partir de Gagnebin (2006), que assinala a memória do vivido no presente, percebemos que os desafios das universidades públicas aumentaram com a pandemia. Antes já era perceptível, no decorrer da rotina universitária, o sucateamento e a falta de estrutura física, a carência de materiais básicos (em especial, os vinculados à higiene pessoal), a insuficiência de investimentos em pesquisa, nos cortes de bolsas de projetos, no aumento da terceirização da mão de obra, dentre outros.

Lembramos pela nossa memória que essas condições precárias eram inumeráveis vezes materializadas por alguns sujeitos acadêmicos, como: professores universitários, servidores públicos e autoridades locais (dos centros de estudos) por meio de discursos desanimados no cotidiano universitário, sem nenhuma perspectiva de mudança (desesperança) a curto e médio prazo.

Os problemas no ambiente acadêmico se agravam ao pensar a necessidade de utilizar recursos das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) no ensino, na pesquisa e na extensão, sendo conflitante inicialmente, principalmente na pós-graduação. A partir dessa premissa, mais uma vez indagamos: como refletir sobre a utilização desses recursos tecnológicos na formação de professores universitários que não são preparados para utilizá-las? Acreditamos que esse está sendo o maior desafio na pós-graduação, durante a pandemia da Covid-19, na qual essas (auto)narrativas precisam ser valorizadas e sem risco de ser esquecidas nesse momento histórico delicado.

Perante o exposto, nos situamos como mestrando em educação do PPGE, vinculado à Linha de História da Educação⁴ e entendemos que em meio a esse contexto humanitário de sofrimento e aumento de inúmeras desigualdades sociais, a História não poderá se eximir e que, em diversos momentos, serão reivindicadas suas contribuições sociais para a compreensão desse tempo. Nesse sentido, o trabalho historiográfico não poderá omitir-se, esperando que o presente catastrófico no futuro se transforme em passado “morto” para investigá-lo.

Pelo contrário, esperamos que os historiadores se posicionem perante a imensa demanda da atualidade, da mesma maneira, que assumam a responsabilidade social que lhes cabe. Assim, nesse sentido, em um tempo marcado pelo surto, em que inúmeros fatos e acontecimentos estão simultaneamente em andamento, é necessário um olhar histórico sensível e apurado como uma lupa para esses fatos, para selecionar o que é mais relevante, possibilitando a percepção dos ditos e não ditos, nas suas entrelinhas.

Nessa tarefa, nos alinhamos à HTP para compreender esse imediato, visto que, segundo Lohn (2019, p.11), essa concepção demarca as “temporalidades em construção, as

4 Para mais informações sobre a Linha de História da Educação/PPGE//CE/UEPB indicamos a leitura de Pinheiro (2012) e Santos, Bringel e Silva (2019).

quais correspondem ao vivido e aos vivos [...] uma história comprometida e interpelada pelo presente [...]”. Então, os trabalhos historiográficos ganham outras possibilidades em pesquisa, podendo ser ampliados para as atividades em época próxima, em que os vivos ganham a oportunidade de serem personagens históricos. Em nosso caso, as experiências formativas recentes ganham possibilidades de participação na escrita da História do Ensino Superior Público da Paraíba.

Pós-Graduação e tempo pandêmico da COVID-19: situando as experiências de formação no Estágio de Docência a partir da RESOLUÇÃO nº 01/2020-PPGE/UFPB

O Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba - PPGE / UFPB teve origem em 1977, com a criação do curso de mestrado em Educação de Adultos. Em 1997, passou a se chamar Programa de Pós-Graduação em Educação, com o título de Mestre em Educação Popular e quatro linhas de pesquisa: Educação de Jovens e Adultos; Educação e Movimentos Sociais; Educação básica; Educação, Estado e Políticas Públicas. Em 2002 implantou o doutorado, com área de aprofundamento em Educação Popular, Comunicação e Cultura e cinco linhas de pesquisa: Fundamentos e processos na educação popular; Educação de jovens e adultos; Políticas públicas e práticas educacionais; Educação e movimentos sociais; e Estudos culturais e tecnologias de informação e comunicação. Em 2007, ampliou a área de concentração para a Educação e reorganizou as linhas: 1) Educação Popular, 2) História da Educação, 3) Política Educacional, 4) Processos de Ensino-Aprendizagem e 5) Estudos Culturais da Educação. Em 2017 o Programa de Pós-graduação em Educação completou 40 anos de atividades, mantendo a estrutura proposta na Resolução 52/2007 do CONSEPE (UFPB, 2020, s/p).

Em outras palavras, compreendemos que o PPGE tem assumido grande protagonismo na produção do conhecimento e na formação de professores universitários no cenário paraibano e regional, tornando-se uma importante pós-graduação na região a formar doutores em educação. Conforme a citação, a princípio o programa foi direcionado à educação popular, porém, à medida que o estado da Paraíba e a própria UFPB foram se desenvolvendo, obviamente outras áreas do conhecimento foram inseridas como linhas de pesquisa, no intuito de preencher as novas lacunas sociais locais em relação aos saberes científicos em educação, principalmente sendo a contemporaneidade caracterizada pela complexidade, instabilidade e multiplicidade nas relações.

Ora, é nesse programa que nos situamos como pós-graduando do curso de Mestrado em Educação da turma 40, com início no primeiro semestre do ano de 2020 e o fim previsto para o final do segundo semestre de 2021. Reiteramos que nossa formação de graduação foi na mesma instituição, exatamente no curso de Pedagogia/CE no Campus I. Refletindo mais sobre os tempos de licenciatura de nossa turma, somente o autor/narrador em questão quis e se dedicou a continuar os estudos em programas de pós-graduação em nível *stricto sensu*.

Esse cenário “apático” demonstra como é desafiador fazer pesquisa no início do terceiro milênio, principalmente na pós-graduação, que requer dedicação. Moreira, Lima e Silva (2011) apontam as múltiplas dificuldades dos alunos do ensino superior na contemporaneidade, como resultado, em variados casos é diagnosticado um desempenho inadequado.

As autoras indicam que as principais adversidades são estresse, cansaço, entre outras condições biológicas e/ou psicológicas que influenciam o processo de ensino e aprendizagem. Ademais, as questões trabalhistas e familiares constantemente influenciam na disposição e tempo para os estudos. Vale ressaltar que vivenciamos uma sociedade capitalista, em que o trabalho é a força central para a sobrevivência e manutenção das relações sociais preestabelecidas⁵.

Por essas razões, consideramos que a realização de pesquisas de pós-graduação, que têm produto-final elaborado, com as suas categorias teóricas, metodologias bem definidas e resultados certamente relevantes, desafia o pesquisador a entender e administrar seu tempo de pesquisa em meio às estruturas econômicas e tecnicistas.

Adentrando na sistematização do Mestrado em Educação/PPGE/CE/UFPB, destacamos a Resolução nº09/2016-PPGE/UFPB como a norteadora atual de sua estrutura organizacional e curricular.

A Referida Resolução (UFPB, 2016, s/p) assinala que:

⁵ Indicamos, para leitura sobre formação de sujeitos e perspectivas de trabalho na sociedade, Ciavatta (2014).

o Curso de Mestrado visa ao aprofundamento de conhecimento e análise de práticas educativas formais e não formais desenvolvidas com crianças, jovens e adultos, demonstrado através do rigor metodológico na elaboração, apresentação e defesa em sessão pública de Dissertação compatível com as características da área de atuação específica.

Ou seja, o curso de Mestrado em Educação/PPGE/UFPB tem como propósito analisar as práticas educativas (in)formais dos sujeitos, em especial do âmbito paraibano, sem distinção de qualquer natureza em diferentes contextos. Nessa direção, sabemos que o mestrado é o percurso inicial na pós-graduação em nível *stricto sensu*, na carreira acadêmica no contexto brasileiro, que sua conclusão na prática é pré-requisito essencial para ingressar no curso de Doutorado.

Essa fase inicial da pós-graduação, em muitos casos, é marcada por ser o momento de amadurecimento científico dos educandos, devido à grande parte dos alunos não terem tido contato com programas de iniciação científica (entre outros) em suas licenciaturas, em virtude de as vagas para esses projetos ainda serem restritas. Dessa forma, percebemos ao longo do primeiro ano de formação que os pós-graduandos ingressaram no programa em diferentes níveis de conhecimentos teóricos e experiências vivenciadas no meio acadêmico.

Como vimos, essa diversidade de alunos no PPGE era nítida, a título de exemplo, nossas vivências acadêmicas vinculadas à História da Educação se deu através da monitoria nas disciplinas que portam o mesmo nome, ligadas ao projeto de ensino *Os fundamentos da educação e suas relevâncias para as licenciaturas*, relacionado ao Programa de Monitoria da UFPB. Em contrapartida, outros colegas tiveram experiências acadêmicas com projetos de iniciação científica, outros somente com o Programa de Licenciaturas (Prolicen) ou apenas tiveram aproximação com essa área do conhecimento graças à identificação com as próprias cadeiras na graduação.

Acreditamos que todos nós tivemos algum tipo de contato com a História da Educação e/ou com linhas de pesquisa, mas compreendemos que foram de formas distintas, o que naturalmente interfere em nossos olhares enquanto pesquisadores na pós-graduação. Nessa lógica, a partir desse diagnóstico, seria necessário (re)pensar a formação desses profissionais de educação que vão atuar como docentes no ensino superior e em outras áreas do setor educativo.

Prosseguindo, Rodriguez (2010, p.37) reitera que “o manuseio das fontes documentais é uma ferramenta necessária para poder interpretar, criticar a fonte pesquisada e, conseqüentemente, construir conhecimento histórico”. Em vista disso, procuramos analisar melhor a Resolução nº 09/2016 para situar as experiências formativas vivenciadas no ED do Mestrado em Educação. A UFPB (2020) indica a necessidade de contribuir com profissionais de educação mais conscientes de seu papel na luta pela transformação social e na contribuição da construção e sistematização do conhecimento.

Diante disso, nos indagamos: será que na prática o PPGE tem contribuído para tal formação? Com isso, poderemos encontrar alguma resposta na constituição curricular dos cursos do programa, em especial, do mestrado?

Respondendo à primeira indagação: não podemos negar o esforço do programa, que apesar de todas as limitações estruturais e físicas tem contribuído para a formação de profissionais da educação, em especial do estado da Paraíba. Porém, enquanto pesquisador, assumimos a responsabilidade de apontar e repensar caminhos para o seu aperfeiçoamento.

Em relação à composição do currículo, Educação Brasileira e a Pesquisa em Educação são disciplinas obrigatórias comuns a todos os alunos do curso de Mestrado em Educação/PPGE/CE/UFPB, cada uma contendo a carga horária de sessenta horas com quatro créditos. Essas cadeiras têm como finalidade abordar os fundamentos educacionais para a formação geral dos mestrandos, independente da área do conhecimento relacionado à pesquisa, possibilitando uma integração entre várias facetas da prática educativa (UFPB, 2020). Normalmente, elas são cursadas no primeiro semestre acadêmico dos mestrandos.

Logo em seguida, é sugerido pela organização curricular alguns eixos temáticos a partir da linha de pesquisa (no caso do PPGE são cinco) ou, como são intitulados, “tronco seminários” e “tronco pesquisa”, se traduzindo para nossa realidade nas disciplinas Seminários em História da Educação e Pesquisa em História da Educação. A Resolução nº 09/2016 enfatiza que essas são as cadeiras responsáveis pela formação específica dos pós-graduandos, propiciando a construção e manuseio dos conhecimentos necessários para

sua própria formação como futuros mestres em educação e conceder uma base teórica como suporte para a pesquisa dissertativa a ser desenvolvida.

Diante desses fatos, nos questionamos: essa composição disciplinar seria suficiente para suprir as demandas educacionais e as finalidades de formação desses profissionais? Pelas nossas próprias experiências, consideramos que não, visto que seria necessário mais espaço para o debate teórico e um maior trabalho interdisciplinar entre os professores do PPGE.

Inclusive, também temos que considerar para essa resposta sobre currículo os aspectos históricos da pós-graduação no Brasil. Para Silva (2006, p.268), o presente é histórico, visto que “é uma lacuna entre o passado e o futuro”. Em outros termos, os fatos e acontecimentos em andamento na contemporaneidade carregam em si referências do passado e expectativas em destino ao futuro. A partir desse ponto de vista, consultamos Saviani (2008), que revela que a criação da pós-graduação de nível *stricto sensu* aconteceu durante os governos militares no Brasil⁶, inspirado em modelos do exterior, principalmente nos exemplos dos Estados Unidos e da Europa, visando o desenvolvimento científico e tecnológico do país.

O autor reitera que os programas brasileiros assumiram as definições curriculares do molde de pós-graduação americano e inseriram algumas características do modelo europeu com as delimitações teóricas, as demarcações dos papéis entre o(s) pós-graduando(s) e o(s) orientador(es), dando mais autonomia ao pesquisador em formação na sua investigação e na elaboração do trabalho final. Pois bem, automaticamente percebemos que muitas dessas estruturas vivenciamos na atualidade.

Perante o exposto, questionamos: será o modelo de pós-graduação de nível *stricto sensu* criado em outro período histórico capaz de atender à contemporaneidade? Entendemos que não, visto que as exigências necessárias daquele cenário histórico eram diferentes das urgências vigentes que se tornaram ainda mais complexas, devido ao surgimento de diversos setores e movimentos sociais; em outros termos, vivenciamos um multiculturalismo jamais visto na história brasileira.

⁶ Em relação à Ditadura Civil-Militar no Brasil, após o Golpe 1964, indicamos para leitura Germano (2011) e Netto (2014).

O ontem, agora, não é mais suficiente para responder às demandas do hoje, precisando de outras respostas adicionais para complementar. Em suma, como UFPB, devemos repensar as novas referências na formação de nossos mestres em educação, preparando sujeitos responsáveis e capazes de intervir nas relações sociais, contribuindo significativamente na construção de uma sociedade mais igualitária.

Sabemos que nessa busca por respostas, nem todas as explicações e caminhos são teóricos, provavelmente outras razões e hipóteses devem existir e que somente conseguiremos encontrá-las na própria rotina da formação dos pós-graduandos do PPGE (na realidade cotidiana). Contudo, nessa produção científica, focaremos em algumas reflexões a partir das nossas experiências de formação no ED que podem, inclusive, se empenhar em responder a essas nossas indagações.

A Resolução nº 01/2020-PPGE/UFPB orienta que para o curso de Mestrado em Educação do PPGE/CE/UFPB, os mestrandos têm como obrigação cursar um semestre acadêmico como estagiário docente (no caso do curso de Doutorado, é necessário cursar dois semestres acadêmicos). O ED tem como meta o aperfeiçoamento na formação dos pós-graduandos para a futura e possível atuação docente no ensino superior. Com efeito, é um momento vivenciado pelos mestrandos/doutorandos que pretende estimular o fortalecimento das relações entre a produção do conhecimento e as práticas didáticas.

Em outras palavras, esse semestre acadêmico possibilita, ao estagiário, valiosas experiências formativas relacionadas à realidade e aos desafios da Educação no Ensino Superior Brasileiro, sendo, de fato, o único instante com maior aproximação com a prática e rotina professoral.

Melo (2010, p.15) assinala que, acerca de pesquisas em História da Educação, o uso de documentos “em uma investigação educacional significa conferir-lhe a condição de documento histórico-pedagógico”, o que denota que esses registros podem nos fornecer indícios e referências sobre as práticas educacionais de um determinado contexto histórico. Em nossas circunstâncias, trazemos a Resolução nº 01/2020-PPGE/UFPB para compreender as possíveis experiências formativas que o ED poderá proporcionar aos mestrandos em educação.

Ponderando mais em relação à Resolução nº 01/2020-PPGE/UFPB, percebemos que é designado ao ED o dever de contemplar inúmeras facetas do ensino e aprendizagem no ensino superior, estando o estagiário de docência envolvido nos processos de planejamento, mediação (contemplando a assistência e o atendimento aos discentes) e na avaliação da turma em colaboração e supervisão do professor responsável pela disciplina.

A partir disso, entendemos que o ED é proposto em uma formação integral, resultando em experiências formativas significativas aos pós-graduandos. Por outro lado, pela nossa vivência, a principal dificuldade em obter essas experiências é o tempo curto de estágio para consolidar os saberes e as posturas professorais, visto que para alguns mestrandos é o primeiro contato com a rotina docente, em especial, a do ensino superior.

Tendo em vista a expansão das discussões sobre as experiências formativas no ED, dando ênfase maior ao livro *Educação e Mudança* de Paulo Freire nas aulas da disciplina FSHE/CE/UFPB no período acadêmico 2020.2, realizado no ano de 2021, abordaremos na próxima seção as características gerais da cadeira mencionada e algumas breves considerações das principais atividades desenvolvidas no ED. É importante situar que essa produção científica tem sustentação em nossas próprias memórias, por meio da autobiografia.

Memórias do Estágio de Docência no Mestrado em Educação/PPGE/UFPB (2021): narrando experiências formativas através do Livro *Educação e Mudança* de Paulo Freire

Buscamos aqui relatar nossas experiências de formação, enquanto estagiário de docência na disciplina FSHE/CE/UFPB, no ano de 2021. Nesse sentido, como conceitos teóricos, estamos utilizando a concepção História do Tempo Presente e a Memória, assim como a autobiografia (ou autonarrativa) como principal método de pesquisa.

Destaca-se o uso da narrativa como ferramenta metodológica visto que permite que sujeito e foco de estudo estejam reunidos na mesma pessoa. A escrita sobre si, isto é, a narrativa autobiográfica ou autonarrativa não é recente, mas seu uso como estratégia investigativa ainda desperta calorosas discussões. (MARQUES; SATRIANO, 2017, p.371)

Face ao exposto, as narrativas autobiográficas são autorizadas como possibilidade do fazer científico e, diante dessa perspectiva, somos capazes de entender nossas experiências formativas como objeto de estudo, trazendo os fatos e as impressões que se não fossem aqui relatados, talvez pudessem ser esquecidos pela “aceleração do tempo” na contemporaneidade (característica central do hodierno), sem serem registrados e analisados. Sabemos do desafio em fazer uma pesquisa desse porte, da importância de compreender o valor do “eu, educador” sem romantizá-lo.

Silva (2006, p.260) descreve a possibilidade no trabalho historiográfico no corpo social vigente como “um campo aberto, subjetivo e plural a ser explorado”. Em adição, utilizaremos nossa memória como fonte e reiteramos que isso é possível, devido a alguns autores, como Gagnebin (2006), defenderem a própria memória como uma nítida oportunidade narrativa do vivido no presente. Em outras palavras, “temos muito o que dizer”, pois vastas são nossas memórias nesse tempo contemporâneo em tal grau intenso e diversificado. Diante disso, selecionamos o ocorrido a partir de nossas próprias memórias.

Em relação a alguns fundamentos da memória como a possibilidade do “eu, fonte”, Halbwachs (1990, p. 54) é claro ao afirmar sobre a memória individual que “não está inteiramente isolada e fechada [...] Não é menos verdade que nos lembramos de senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo”. Ou seja, o autor contempla toda nossa proposta de narrar e refletir sobre as nossas próprias experiências de formação, como estagiário de docência de pós-graduação, inseridos no tempo presente, entendendo que foram momentos marcantes e por isso devem ser narrados, registrados e analisados como forma de contribuição para a sociabilidade de conhecimentos entre os nossos pares e diferentes sujeitos e em favor da escrita da História do Ensino Superior Público da Paraíba.

A respeito da importância e posição da memória de professores, os autores Reis e Souza (2021, p. 3) destacam que “a construção de narrativas de formação caracteriza-se como experiência formadora, pois possibilita que os educadores questionem suas identidades, ancoradas em *recordações-referências*”. Por esse ponto de vista, os relatos dos docentes ganham relevância por sua posição social e imensa influência na formação da população em geral.

Quando os professores narram suas experiências, são capazes de se posicionarem com suas versões perante a realidade social e educacional em que estão inseridos, fazem (re)leituras de suas práticas na docência, em especial, em nosso caso sobre suas próprias formações, em que podemos repensar o quanto estamos transportando dos conhecimentos teóricos construídos em formação para o vivido na prática em sala de aula.

Prosseguindo, adentramos em nosso ED, na disciplina FSHE, cadeira (não)obrigatória para inúmeras licenciaturas da UFPB no campus I. Pela lógica, como o nome prevê, da disciplina são esperados conteúdos provenientes das Ciências Sociais e Humanas, orientados pelos conhecimentos sociais e históricos acumulados e sistematizados pela sociedade ao longo dos séculos, constituindo-se a educação como o centro norteador do debate.

Dessa forma, a disciplina em questão nos incentivou a um diálogo com alguns renomados autores das Ciências Sociais e Humanas, a exemplo de Émile Durkheim, Max Weber, Pierre Bourdieu e Karl Marx. Teóricos esses, que nos possibilitaram maiores reflexões e questionamentos sobre nossa realidade social vivida, que outrora, na formação no curso de Pedagogia/CE/UFPB, não pudemos nos aprofundar nesses estudos. Assim, entre esses grandes pensadores, seria impossível excluir Paulo Freire, devido as suas contribuições sociais, principalmente relacionadas ao âmbito educacional.

Em continuidade, identificamos que os discentes graduandos da turma de FSHE eram vinculados aos cursos de Licenciaturas (Música, Educação Física e Química) no CE/UFPB, cursando a cadeira no turno vespertino, precisamente às quartas-feiras, com início em março/2021 e término em julho/2021, tendo como orientadora e responsável a Profa. Dra. Roseane Maria de Amorim.

Vale ressaltar a capacidade do ED em despertar o desejo dos pós-graduandos para o exercício professoral universitário, podendo ser considerado como uma espécie de “laboratório de práticas docentes” capaz de desenvolver conhecimentos, habilidades e posturas professorais. Nesse sentido, o ED pode contribuir para o crescimento pessoal, acadêmico e professoral, conseqüentemente, fortalecendo a atuação da própria profissão docente.

Demo (2002) aponta a importância da docência se afastar do estigma de uma profissão “malformada”. Nessa ocasião, os educadores deveriam passar por uma preparação mais exigente e completa, proporcionando espaços para amadurecimento profissional (perpassando também pelo pessoal). Dessa forma, o ED pode, em certa parte, contribuir para a melhoria da formação docente na medida em que se embasa na articulação entre o conhecimento científico e a prática pedagógica, considerando as leituras e participações ativas nas discussões dos textos contemplados pelos planos de curso, da seleção de recursos didáticos, de elaboração e realização de regência(s), sob orientação do professor supervisor.

Nesse contexto, a disciplina FSHE tem como propósito:

[...] na conclusão deste componente espera-se que o educando/a esteja apto a: ter clareza, sensibilidade crítica e espírito científico, quanto ao fenômeno Histórico, social, educacional e escolar, compreendendo a especificidade histórica, política e pedagógica da educação, da ação docente e do sistema escolar (UFPB, 2021b s/p).

Podemos compreender que a disciplina FSHE procurou ampliar o aprendizado sobre o fenômeno social educativo e sua aplicação no processo de formação de professores. Portanto, busca-se desenvolver reflexões críticas nas relações históricas sociais das ideias, das práticas e disputas pedagógicas, considerando as inovações, as mudanças e as continuidades no sistema educacional. Nesse sentido, foi priorizado o desenvolvimento de um espírito científico, considerando suas conexões políticas e sociais entre o passado e o presente.

Todavia, entendemos que foi/é importante na rotina do processo de ensino e aprendizagem, assim como na possibilidade de construção e reflexão dos conhecimentos sócio-históricos, pensarmos sobre nosso futuro “ser professor” em relação a esse contexto presente educacional imerso em conflitos políticos. Pois, é no espaço de formação docente, a partir da leitura reflexiva dos saberes pedagógicos e do mundo que vamos construindo a nossa identidade professoral.

O início do semestre letivo do ED na disciplina FSHE foi marcado pela realização de uma reunião, preparatória ao início das aulas remotas, com a professora da cadeira e o estagiário docente. Nesse contato inicial, a supervisora do ED definiu nossas

atribuições no estágio durante o semestre letivo. Nos instantes do planejamento, pensamos brevemente com relação as nossas expectativas acerca da cadeira, também dos possíveis desafios e sobre o perfil da turma, cujas informações prévias foram colhidas no sistema virtual da UFPB.

Gomes (2011) indica que o planejamento é o alicerce sólido do sucesso das ações docentes dentro e fora da sala de aula, dessa forma, no decorrer da disciplina tivemos a oportunidade de contribuir com algumas sugestões de recursos didáticos (como vídeos, poesias, gravuras, entre outros) que pudessem ser acrescentados ao cronograma. A professora supervisora nos deu abertura para sugerir modificações que contribuíssem para o melhor desenvolvimento da disciplina e de seus conteúdos durante as aulas remotas no período de pandemia do Covid-19.

O ED proporcionou uma formação articulada entre a produção do conhecimento com as práticas didático-curriculares, o que exigiu um maior comprometimento pessoal e acadêmico com os estudos prévios e atividades desenvolvidas na disciplina FSHE. Nesse sentido, Freire (2011) defende o compromisso dos sujeitos como uma prática de mudança social. Nessas palavras, entendemos que nossa postura participativa no ED seria estratégica e capaz de contribuir com o processo de ensino e aprendizagem dos graduandos, assim como para a prática docente da professora responsável e para nós mesmos, visto que entendemos a educação como um movimento de troca constante.

Para cada intelectual estudado, além dos materiais disponibilizados previamente pela professora, era exigido ao aluno em ED a busca por mais conhecimentos (realização de pesquisa prévia) para contribuir nos debates semanais. A exigência era feita com a finalidade de sanar as dúvidas dos graduandos que participavam das aulas, das reuniões de orientação marcadas (extraclasse), do grupo de *whatsapp* ou de forma privada (individual) no mesmo aplicativo.

Ressaltamos que além do desafio de trabalharmos com a diversidade de uma turma de três licenciaturas distintas, mais do que nunca nos foi exigido assimilar algumas posturas e competências professorais, visto que muitos graduandos por diversos motivos sociais e emocionais ainda se encontravam abalados pelo cenário pandêmico da Covid-19, com

algumas perdas de parentes e amigos, além do desafio de uma nova dinâmica de aulas remotas, sem sentir ou perceber os educandos de perto.

Quanto ao pensador Paulo Freire, o plano da disciplina FSHE (UFPB, 2021b) enfatiza que entre as várias regências planejadas no decorrer do período acadêmico 2020.2, dois dias do mês de maio, em adição a três dias de junho de 2021, houve diálogos com suas obras e principais ideias educacionais. Os livros selecionados pela professora foram: *Pedagogia da Autonomia* (1996) e *Educação e Mudança* (2011). Provavelmente nosso “encanto” pelo segundo livro freireano foi em razão de, no ED, ter sido nosso primeiro contato com essa obra.

Salientamos que, conforme o plano de curso da disciplina FSHE (UFPB, 2021b), das cinco aulas dedicadas ao intelectual, as três últimas (02, 09 e 16 de junho de 2021) foram no intuito de propor estudos relacionados ao livro *Educação e Mudança* (2011). Nessa ocasião, a docente supervisora, com certa antecedência, solicitou que pudéssemos elaborar os *slides* da apresentação da obra e diante disso, tivemos mais de um mês para nos aprofundar na proposta de mudança freireana.

É importante destacar que uma das atividades propostas pela Resolução nº 1/2020 – PPGE/UFPB aos pós-graduandos do PPGE no ED é a “produção de materiais didático-curriculares para uso em atividades no componente objeto do Estágio” (UFPB, 2020, s/p).

Nesse sentido, com um tempo de antecedência, mergulhamos na obra de Paulo Freire, com intento de construir conhecimentos pertinentes e sanar curiosidades referentes ao que o autor propõe com esse título, principalmente direcionadas à concepção de mudança. Ao final, produziríamos os *slides* com os conteúdos mais relevantes, contextualizando-os para os graduandos das três licenciaturas participantes da turma.

Freire (2011, p.7) reitera que um dos principais eixos para a mudança social é o compromisso, porque “assumir um ato comprometido está em ser capaz de agir e refletir”. Ou seja, o autor reforça a importância de se comprometer com os outros, na luta contra as desigualdades e opressões sociais presentes, destacando que é impossível o comprometimento profissional sem ter, antes de tudo, o compromisso humano.

Salientamos que esse engajamento solidário é muito mais do que um sentimento, vislumbrando características como a mobilização (a ação) e a reflexão.

Face ao exposto, prontamente nos perguntamos: Qual foi nosso compromisso enquanto estagiário docente para com a turma da disciplina FSHE? Qual será nosso compromisso social depois que nos formarmos mestre em educação? Qual será/é nosso comprometimento na formação dos diferentes sujeitos?

Considerando a primeira indagação, compreendemos que nosso compromisso na formação da turma da disciplina FSHE foi a partir do respeito à diversidade dos graduandos, possibilitando o acesso e o incentivo à democratização do conhecimento elaborado e sistematizado acumulado pela humanidade, percebendo a linguagem didática necessária e possível para atendê-los.

Seguindo esses aspectos, compreendemos que nosso papel como estagiário de docência ganha importância para os graduandos como referência acadêmica e caminho a ser seguido. Constantemente, eles entravam em contato para sanar dúvidas ou pedir orientações antes de entrar em contato com a professora responsável pela cadeira. Ou seja, sem a presença de monitores, nossa responsabilidade também era ser um elo entre a docente e os discentes.

Nessa perspectiva, nosso compromisso com a turma de professores em formação era estimulá-los para o desenvolvimento do olhar crítico sobre a realidade social, a partir dos espaços de diálogo que tínhamos no decorrer das aulas. Sabemos da relevância da construção de professores críticos, aqueles que buscam informações, que têm potencial para intervir de forma consciente no corpo social e são capazes de incentivar os educandos para uma mudança de mentalidade. Com essas motivações, nos esforçávamos na busca por mais leituras científicas e sugestões de materiais didáticos.

Procurando responder à segunda questão, entendemos que experiências como essas ganham relevância em nossa formação docente, na qualidade de mestrando em educação do PPGE/UFPB, e nos estimulam o compromisso social da mudança da realidade permeada por discordâncias e violência aos mais vulneráveis. Por consequência, entendemos que se somos incentivados a seguir essa vertente, conseqüentemente, muito do que é visto tem influência em nossa (atual ou futura) prática professoral.

Freire (2011, p.11) sustenta que a realidade “vê o homem como uma ‘lata’ vazia que vão enchendo com seus ‘depósitos’ técnicos”. Nessa perspectiva, a resposta para a terceira indagação ganha sentido, posto que nossa proposta profissional se empenha por uma educação comprometida com a mudança social, interferindo diretamente na formação dos indivíduos.

Nessas regências direcionadas ao livro Educação e Mudança (2011), nos três encontros remotos foram utilizados *slides*, vídeos e discussões do texto. Em outras palavras, a própria dinâmica das aulas era atraente para despertar nos discentes o querer saber mais, incitando a contextualização dos saberes freireanos com suas experiências pessoais, o (re)pensar suas práticas sociais e a reflexão sobre que tipo de professor gostariam de se tornar.

Nos debates relacionados a essa obra nas aulas remotas, entendemos que não existe neutralidade na realidade social vigente, na qual a alienação cultural se contrapõe ao compromisso autêntico. Ou melhor, os sujeitos são conscientes ao passo que começam a refletir e a entender o contexto social em que estão inseridos, as relações e valores que o permeiam. Em suma, essa é a proposta freireana, que por meio da conscientização, os homens mudem suas atitudes perante a si mesmo e ao(s) outro(s), que se tornem protagonistas históricos de suas próprias vidas e do bem coletivo.

Percebemos que ao longo das aulas, os graduandos iam mudando seus discursos e atitudes, visto que iam percebendo as ideias de Paulo Freire em sua realidade social, por isso se tornavam mais flexíveis e dispostos a ajudar uns aos outros; observamos que uma parte significativa já trabalhava em escolas (como professores ou em outras funções) e relatava de forma empolgada e crítica que procurava colocar em prática os saberes freireanos na luta por uma sociedade mais igualitária e solidária.

Salientamos a importância dessa mudança de atitude na construção de professores mais críticos no ambiente social, incluindo o escolar. Constatamos, no decorrer do processo de ensino e aprendizagem no semestre acadêmico da disciplina FSHE, que Paulo Freire foi um dos intelectuais que os graduandos mais se identificaram e gostaram. Esses momentos relacionados ao Livro Educação e Mudança (2011) foram de grande valia,

principalmente em meio à pandemia da Covid-19, que amplia ou expõe as desigualdades sociais. Dessa forma, percebemos que a mudança social acontece a partir de nós, em nossas rotinas, transformando-se em algo essencial para o bem coletivo.

Considerações finais

Mediante as reflexões suscitadas ao longo desse trabalho, compreendemos que as experiências formativas na turma da disciplina FSHE, no período de 2020.2, no ano de 2021, em torno do Livro Educação e Mudança (2011), foram relevantes para que os futuros professores refletissem, *a priori*, sobre a conscientização, como compromisso, por constituir-se uma possibilidade de contribuir com a formação dos sujeitos, incorporando algumas reflexões e atitudes responsáveis no cotidiano, para a garantia do bem-estar coletivo.

Nesse panorama, mais do que nunca, em plena pandemia da Covid-19, é indispensável discutir a formação docente, visto que é um espaço importante capaz de estimular o desenvolvimento criativo e social da população em geral. Face à questão, refletimos sobre a atualidade, quando são exigidos novos comportamentos, seja para a população, seja para o professor, que necessitou recriar-se, a partir de “novas” formas de comunicação e trabalho.

Nesse espaço, a educação se configura como algo fundamental, no que respeita à responsabilidade social e à criatividade dos sujeitos.

Tratando do ensino superior brasileiro, esse tem sido um dos segmentos mais atingido em decorrência dessa crise sanitária, fragilizando a preparação de diversos profissionais, incluindo os professores. Sabemos que antes da pandemia, as universidades já vinham sofrendo um processo de sucateamento e desvalorização social, porém, tal fato tem se agravado nesse momento, principalmente, pelo distanciamento social, o que impacta na mobilização do corpo acadêmico em prol da resistência e da luta pelos direitos educacionais adquiridos.

Consideramos alguns pontos muito significativos em trabalhos autobiográficos de professores, visto que possibilitam a leitura de si e dos outros, proporcionando

resignificações de lembranças e experiências em determinado contexto. Esses momentos podem ser compreendidos como históricos, uma vez que, segundo Freire (2011), quando os homens começam a perceber suas próprias ações no tempo, vão se percebendo como sujeitos históricos.

Essas reflexões sobre autonarração não estão distantes em relação as nossas experiências formativas, que ganham vida e sentido na etapa de formação de professores, sejam eles da licenciatura (Música, Educação Física e Química), ou em nosso próprio caso em ED/PPGE/CE/UFPB. Ademais, percebemos que trabalhar com o livro Educação e Mudança provocou a discussão em diferentes indivíduos nas aulas remotas de FSHE, instigando-os a (re)pensarem suas práticas sociais, estimulando a passagem de uma consciência ingênua para uma consciência crítica. Essa mudança somente é possível através do comprometimento humano, visto que essa condição irá refletir em diversas condutas.

Por fim, entendemos que essas experiências formativas, a partir do Livro Educação e Mudança (2011), foram importantes para os alunos graduandos, à medida que percebemos o aumento das participações nos debates sobre o texto, nos diversos relatos, que nada mais eram do que a contextualização das ideias freireanas nas histórias e rotinas da vida; também no decorrer do semestre acadêmico em discursos e atitudes mais sensíveis e humanas para com os outros e, finalmente, na conscientização de seu papel como atual/futuro professor na efetivação de uma educação mais comprometida com a responsabilidade social.

Referências

AMPARO, T.M. do; MIRANDA, B.M. de; SANTANA, S.P. Educação com responsabilidade social: o caminho para cidadania. **G&A**, João Pessoa, v.8, n.2, p.49-59, jul./dez. 2019.

BRASIL, Ministério de Educação. LDB – Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.

BURKE, P. (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p.7-37.

CARABETTA JÚNIOR, V. Rever, pensar e (re)significar: a importância da reflexão sobre a prática na profissão docente. **Rev. bras. educ. med.** v. 34 n. 4, p. 6-62, dez, 2010.

ClAVATTA, M. O ensino integrado, a politecnia e a educação omnilateral. por que lutamos? / The integrated education, the polytechnic and the omnilateral education. Why do we fight?. **Trabalho & Educação.** v. 23, n. 1, p. 187–205, 2014.

DEMO, P. Professor do futuro e reconstrução do conhecimento. In: MACIEL, L.S.B; NETO, A. S. (org.). **Formação de professores: passado, presente e futuro.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p.128.

FREIRE, P. **Educação e mudança.** São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GAGNEBIN, J.M. **Lembrar escrever esquecer.** São Paulo: Editora 34, 2009.

GERMANO, J. W. **Estado Militar e educação no Brasil.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GOMES, É, A importância do planejamento para o sucesso escolar. Palmas: UFT, 2011.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

LEITE, M.L. dos S; TORRES, G.G.S; CUNHA, R.D.T. da. Entre sonhos e crises: esquadrinhando os impactos acadêmicos da pandemia por covid-19 na vida de pós-graduandas(os) brasileiras(os). **Revista de Estudos em Educação e Diversidade.** v. 1, n. 2, p. 07-28, out./dez., 2020.

LOHN, R.L. Reflexões sobre a História do Tempo Presente: uma história do vivido. In: REIS, T.S. et al.(org.). **Coletânea História do Tempo Presente.** Boa Vista: Editora da UFRR, v.1. 2019.

MANCEBO, D. Pandemia e educação superior no Brasil. **Revista Eletrônica da Educação.** v.14, 1-15, jan/dez, 2020.

MARQUES, V; SATRIANO, C. R. Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. **Linhas Críticas.** v. 23, n. 51, p. 369–386, 2021.

MELO, J. J. P. Fontes e métodos: sua importância na descoberta das heranças educacionais. In: COSTA, C. J.; MELO, J. J. P. (org). **Fontes e métodos em história da educação.** Dourados, MS: Ed. UFGD, 2010, 350p.

MOREIRA, C. A.; LIMA, F. M.; SILVA, P. N. da. A difícil tarefa de acadêmicos de curso noturno conciliar trabalho e estudo. **Revista Eletrônica da Univar**, 2011. n. 6. [51-56].

NETTO, J. P. **Pequena história da ditadura militar brasileira (1964-1985)**. São Paulo: Cortez, 2014.

PINHEIRO, A. C. F.; CURY, C. E. Rememorar e comemorar: os 20 anos do Grupo de Estudos e Pesquisas História da Educação na Paraíba HISTEDBR-PB (1992-2002). In: __. (org.). **Histórias da Educação da Paraíba: rememorar e comemorar**. João Pessoa, PB: Editora Universitária/UFPB, 2012. p. 7-12.

RODRÍGUEZ, M.V. Pesquisa Histórica: o trabalho com fontes documentais. In: COSTA. C.J.; MELO, J.J.P. (org.). **Fontes e métodos em história da educação**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2010, 350p.

SANTOS, J. R. M. dos; DA SILVA BRINGEL, R. C.; DA SILVA, S. B. O Crescimento da linha de história da educação na pós-graduação em educação da UFPB nos anos de 2009 A 2016. **Revista Temas em Educação**, v. 28, n. 3, 2019.

SILVA, C. B. da. Escrever histórias do tempo presente. Algumas questões e possibilidades. **Tempos Históricos**. M.C. Rondon, v. 9, p. 257-276, 2. set. 2006.

VIELLA, M. dos A. L. **Entre relógios e ritmos: a experiência do tempo no cotidiano dos professores**. In: __. (org.). Chapecó, SC: Argos, p. 240, 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB. **Resolução N° 01/2020**. Estabelece normas que regulamentam o Estágio de Docência no âmbito do PPGE (Mestrado e Doutorado) da UFPB. Disponível em: <http://www.ce.ufpb.br/ppge/contents/documentos/resolucao-estagio-docencia-ppge-final.pdf>

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB. **Resolução N° 09/2016**. Regulamento Atual do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB. Disponível em: http://www.ce.ufpb.br/ppge/contents/documentos/resolucao-09_2016-1-3.pdf

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB. **Plano da Disciplina Fundamentos Sócio-Históricos da Educação em 2020.2**. DFED/CE/UFPB. Disponível em: SIGAA/UFPB. Acesso em 31 ago.2021b.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB. **Relatório de Estágio de Docência em 2020.2**. PPGE/CE/UFPB, 2021a.